



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JUAN JULIO COSTA

**SOB A SOMBRA DO ABSOLUTISMO: A BURGUESIA
E A NOBREZA FRANCESA REPRESENTADAS EM O
BURGUÊS FIDALGO (1670), DE MOLIÈRE**

Londrina
2018

JUAN JULIO COSTA

**SOB A SOMBRA DO ABSOLUTISMO: A BURGUESIA
E A NOBREZA FRANCESA REPRESENTADAS EM O
BURGUÊS FIDALGO (1670), DE MOLIÈRE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Estadual de
Londrina (UEL) como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Santana.

Londrina
2018

JUAN JULIO COSTA

**SOB A SOMBRA DO ABSOLUTISMO: A BURGUESIA E A
NOBREZA FRANCESA REPRESENTADAS EM O *BURGUÊS
FIDALGO* (1670), DE MOLIÈRE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Estadual de
Londrina (UEL) como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em
História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Santana
Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Ma. Ana Beatriz Accorsi
Thomson
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

COSTA, Juan Julio. **Sob a sombra do absolutismo:** a burguesia e a nobreza francesa representadas em *O burguês fidalgo* (1670), de Molière. 2018. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar como Molière representou a burguesia e a nobreza em sua peça *O burguês fidalgo*, escrita em 1670 e apresentada perante a corte de Luís XIV. Na peça, Sr. Jourdain, um burguês, é fascinado pela nobreza e faz de tudo para fazer parte dela. Projetando os conceitos compostos pelo paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg e as considerações de Antônio Cândido acerca das personagens de ficção, torna-se possível analisar esse caso curioso caricaturado por Molière e extrair daí características da sociedade do período.

Palavras-chave: Molière. Burguesia. Nobreza. Absolutismo.

COSTA, Juan Julio. **Under the shade of the absolutism: the bourgeoisie and the French nobility represented in Molière's The bourgeois gentleman (1670).** 2018. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The objective of this final paper is to analyze how Molière represented the bourgeoisie and the nobility in his play *The bourgeois gentleman*, written in 1670 and presented before the court of Louis XIV. In the play, Mr. Jourdain, a bourgeois, is fascinated by the nobility and does everything to be part of it. By sticking out the concepts composed by Carlo Ginzburg's circumstantial paradigm and Antônio Cândido's considerations about the characters of fiction, it is possible to analyze this curious case caricatured by Molière and extract from it characteristics of the society of this period.

Keywords: Molière. Bourgeoisie. Nobility. Absolutism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A BOLSA DE SR. JOURDAIN: A SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO XVII.....	9
2 OS DEVANEIOS DE SR. JOURDAIN: A BUSCA PELO ENOBRECIMENTO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar como Molière representou a burguesia e a nobreza em sua peça *O burguês fidalgo*, escrita em 1670 e apresentada perante a corte de Luís XIV.

Molière, cujo nome de nascimento é Jean-Baptiste Poquelin, foi um dos precursores do teatro moderno e, na peça que aqui nos serve como fonte, faz saltar aos olhos a principal característica do seu trabalho, que era a sátira social. Nascido em Paris, em 1622, estudou no Colégio Jesuíta de Clermont, época em que já demonstrava interesse pelo teatro ao acompanhar peças de várias companhias.

O início de sua carreira foi turbulento e com muitos revezes, mas, apesar disso, Molière conseguiu adquirir maestria como dramaturgo, a ponto de ter sua arte patrocinada pelo rei Luís XIV, cujo governo marcou um período de grande concentração de poder e de metamorfoses políticas e econômicas, como veremos em *O burguês fidalgo*. Dessa posição privilegiada, o autor começou a fazer críticas à sociedade de seu tempo, e a sátira virou a marca registrada de sua obra subsequente.

Em *O burguês fidalgo*, Molière ironiza a decadência de uma parte da nobreza e a ignorância dos burgueses que queriam tornar-se nobres; como catalisador desses fenômenos sociais, encontramos o absolutismo, que tocava todas as classes e fazia característica indispensável para entender o século XVII.

Na peça satírica, Molière conta a história de um burguês de nome Sr. Jourdain, que possuía uma grande fortuna herdada de seu pai, um grande comerciante de tecidos. Apesar da riqueza fruto do comércio, Sr. Jourdain repudiava veementemente sua origem burguesa e, mais que isso, buscava ingressar na nobreza.

Para conseguir tal feito, Sr. Jourdain, no decorrer da peça, lança mão de vários recursos, como mestres para lhe ensinar como os nobres se comportam, tentar casar-se com uma marquesa e colocar a mão de sua filha à disposição de um noivo, desde que este fosse nobre. Molière, ao colocar essa personagem em cena, deixava evidente a fragilidade do

status dos nobres, com todas suas cerimônias, modos e tentativas de distinção frente ao populacho.

Molière também coloca em cena conde Dorante, que era uma caricatura da nobreza destituída pelo absolutismo; o dito conde vivia do dinheiro emprestado de Sr. Jourdain, mas nunca pago de volta, e constantemente estava a iludi-lo com a suposta glória da vida nos círculos da corte.

Diferente de Sr. Jourdain, que ignora sua classe mesmo ela estando em ascensão, Dorante sabia que uma parcela da nobreza estava na penúria, inclusive ele, e, para resolver sua situação, além de parasitar o burguês, ainda tentava um casamento com marquesa Dorimène, já que essa mulher da nobreza ainda mantinha riqueza além do status.

Além de Sr. Jourdain e Dorante, que representam a elite social da época, também se fazem presentes na peça a esposa do burguês, Sra. Jourdain, e sua filha, Lucile, a marquesa Dorimène e Cleónte (um pretendente da filha dos Jourdain), bem como muitos empregados domésticos e mestres de várias áreas, como dança, alfaiataria, música, filosofia e esgrima.

A história da peça desenvolve-se mostrando as ditas tentativas de Sr. Jourdain para se fazer parecer um nobre e como em cada tentativa ele acaba sendo ludibriado por aproveitadores de sua fortuna: ao querer ser educado como um nobre, acaba aprendendo tudo errado com mestres aos quais pagava caríssimo; ao tentar casar-se com Dorimène, é Dorante que pega de seu dinheiro para cortejar a dama e acaba casando-se com ela; ao tentar casar sua filha com um nobre, é enganado e ele acaba dando sua mão a Cleónte, que era um homem simples.

O presente trabalho buscou seguir os postulados da Nova História Cultural no que tange à visão não tradicional do que é uma fonte, no nosso caso, o enredo de uma peça de teatro. Buscamos também a interdisciplinaridade com a literatura e antropologia, como será possível acompanhar no decorrer do trabalho, dado que a interdisciplinaridade também é característica da Nova História Cultural.

Em relação aos pressupostos metodológicos, diversos autores foram utilizados, porém, dois deles são chave na interpretação e análise de *O burguês fidalgo*: Carlo Ginzburg e Antônio Cândido.

O paradigma indiciário, conceito desenvolvido por Carlo Ginzburg (GINZBURG, 1989, p. 143), consiste em tratar a análise histórica como uma investigação em que, a partir de pequenos indícios, pode-se chegar a conclusões mais amplas e elaboradas. Todo o trabalho com *O burguês fidalgo* seguiu esse método: partindo de falas ou atitudes das personagens buscamos conexão com a política, a economia e a sociedade do século XVII na França.

Em relação a Antônio Cândido, levamos em conta suas considerações sobre a personagem de teatro. Para o autor, a personagem de teatro, por ser visível e ela mesma ter que narrar à história, consegue mais facilmente estabelecer uma conexão entre o espectador e o espetáculo (CÂNDIDO, 1972, p. 81). Molière, como grande precursor do teatro, tinha isso em mente, especialmente em uma sátira social como *O burguês fidalgo*.

Dividimos a pesquisa em dois capítulos, cada um deles encarregado de responder a um objetivo específico: o primeiro capítulo buscou, a partir dos gastos feitos por Sr. Jourdain no decorrer da peça, fazer uma contextualização histórica do período; já no segundo capítulo, usando como ponto de partida o desejo do burguês de enobrecer-se, abordamos as características da nobreza e da burguesia da época.

1 A BOLSA DE SR. JOURDAIN: A SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO XVII

Trata-se, com efeito, de um homem de poucas luzes, que fala sem discernimento de todas as coisas, e só aplaude a contra-senso; mas o dinheiro lhe corrige os julgamentos do espírito; há discernimento na sua bolsa; os seus aplausos são amedados; e mais vale esse burguês ignorante, como o senhor está vendo, que o grande fidalgo esclarecido que aqui nos trouxe (MOLIÈRE, 1983, p. 293).

A epígrafe acima faz parte de um diálogo entre os mestres de música e dança de Sr. Jourdain: os dois estão discutindo se vale a pena ou não exibirem sua arte para um homem tão grosseiro e limitado. Para além da disputa entre o ego e o bolso dos mestres, Molière sutilmente apresentou características da sociedade francesa do século XVII. Uma delas é a mudança no eixo do poder econômico: os mestres de música e dança haviam abandonado um amo nobre para servir a um burguês, pois este, mesmo que ignorante, podia os remunerar com um gordo soldo.

A fortuna de Sr. Jourdain e a forma como este a gastava é a ponta do novelo que nos leva à compreensão do contexto histórico ilustrado e satirizado por Molière. Na peça, a riqueza do burguês era imensa, tendo em vista a suntuosa mansão que mantinha e o grande corpo de empregados, mestres e aproveitadores que dependiam de sua renda.

Essa grandiosa fortuna foi herdada de seu pai, que era um mercador, o que nos leva a perceber o quanto a atividade do comércio havia se expandido, a ponto de seus lucros pouco a pouco sobreporem-se às receitas de alguns nobres.

Entre o final da Idade Média e o princípio do século XVI, o modelo feudal entrou em crise e, frente a esse colapso, a figura do rei foi essencial para reordenar a nova sociedade que estava surgindo. Nas palavras de Braudel, “as monarquias do continente são obrigadas a lutar com e contra as nobrezas que as rodeiam” (BRAUDEL, 1987, p. 42).

No século XVII, em que foi escrito *O burguês fidalgo*, Luís XIV foi o maior expoente dessa nova forma de exercício do poder real, que passou

a ser conhecida como absolutismo. Segundo Perry Anderson (1989, p. 15):

A longa crise da economia e das sociedades européias durante os séculos XIV e XV marcou as dificuldades e os limites do modo de produção feudal no último período da Idade Média. Qual foi o resultado político final das convulsões continentais dessa época? No curso do século XVI o Estado absolutista emergiu no ocidente. As monarquias centralizadas da França, Inglaterra e Espanha representavam uma ruptura decisiva com a soberania piramidal e parcelada das formações sociais medievais, com seus sistemas de propriedade e vassalagem.

Sendo assim, o impacto do absolutismo é um traço fundamental para compreender a sociedade em que Sr. Jourdain e as demais personagens da peça viviam. Quanto ao absolutismo na França, Grimberg (1989, p. 39) escreveu:

Todavia a vida em Versalhes se baseia na convicção de que o rei é o eleito de Deus, sagrado pelo Senhor, e não deve ser tratado como um simples mortal, pela simples razão de que o não é. Assim a vida na corte toma a forma de uma permanente adulação do rei, que tem na Terra a espada de Deus e segura na mão a balança de Sua justiça. Não se pode compreender o século XVII se não se discernir o que há de simbólico nesta atitude perante a vida.

Em busca da governança, Luís XIV englobou muitos nobres na burocracia estatal, mas acabou destituindo muitos de seu poder. O absolutismo monárquico fez surgir o que o sociólogo Norbert Elias chamou de sociedade de corte:

A ascensão da sociedade de corte está sem dúvida ligada ao impulso da crescente centralização do poder do Estado, à crescente monopolização das duas fontes decisivas de poder para aqueles senhores em posição central: as taxas sociais, os “impostos”, como nós chamamos, e o poder militar e policial reunidos (ELIAS, 2001, p. 28).

Essa colocação de Elias sobre o fenômeno da sociedade de corte nos ajuda a ter uma compreensão melhor sobre as personagens de *O burguês fidalgo*; o poder do rei, assim como o seu processo de conquista,

influenciava diretamente os grupos sociais, em especial a nobreza, como veremos logo adiante o caso do conde Dorante.

Simultaneamente ao fortalecimento do absolutismo e a dissolução das estruturas feudais, a burguesia também despontava. Nesse período, no que concerne à definição de burguesia, o termo estava umbilicalmente ligado ao exercício do comércio. Segundo Braudel (1987, p. 46):

É colocar em destaque, para o Ocidente, o que chamamos, a traços largos, usando um termo que se impôs tardiamente, a história da burguesia, portadora do processo capitalista, criadora ou utilizadora da hierarquia sólida que será a espinha dorsal do capitalismo. Este, com efeito, para estabelecer sua fortuna e seu poderio, apoia-se sucessiva ou simultaneamente sobre o comércio, sobre a usura, sobre o comércio à distância, sobre o “ofício” administrativo e sobre a terra [...].

Assim, a informação de que o Sr. Jourdain era herdeiro de um mercador de tecidos conecta-se diretamente com o que Braudel escreveu.

O crescimento do poderio econômico da burguesia também não escapava aos olhos e ao pragmatismo político do rei:

Do ponto de vista social, o grande acontecimento do reinado de Luís XIV é o ascenso da burguesia (outrora desprezada pelo seu plebeísmo, e considerada no mesmo pé do mundo dos pequenos artífices) ao plano de grande classe social, enriquecida, cheia de honras e muitas vezes invejada pela nobreza. Várias são as causas profundas desta importante transformação. Em primeiro lugar, o monarca, depois que assumiu o poder pessoal, chamou os burgueses para os mais altos cargos do Estado [...] Estes ministros, recém vindos ao poder, não manifestarão as mesmas veleidades de independência dos velhos príncipes de sangue; mostrar-se submissos, laboriosos, inteiramente dedicados ao monarca sem o qual nada seriam. Mas não descurarão, ao mesmo tempo, os seus negócios (MONGRÉDIEN, 1963, p. 49-50).

Como já foi dito, a burguesia havia enriquecido muito devido às suas atividades ligadas ao comércio, e a expansão dessa atividade econômica foi rápida não apenas dentro da França, mas na maior parte do mundo, fenômeno que Peter Burke chamou de Revolução Comercial:

Menos visível imediatamente a olho nu, mas até mais importante do que a ascensão das cidades, foi uma seqüência de transformações econômicas, que pode ser resumida como "revolução comercial" ou "ascensão do capitalismo comercial". Houve uma grande expansão do comércio dentro da Europa, e do comércio entre a Europa e o resto do mundo. A divisão internacional do trabalho vinha se aprofundando, concentrando-se a Europa nas manufaturas (cutelaria, papel, vidro e principalmente têxteis), que eram exportadas para a Europa oriental, Ásia, África e América, enquanto os alimentos e matérias-primas, como ferro, couro e algodão, eram importados em troca (BURKE, 1995, p. 188).

Porém, se comparadas com o enredo de *O burguês fidalgo*, as citações de Georges Mongrédien e Peter Burke fazem surgir um estranhamento: Sr. Jourdain, apesar de sonhar com os círculos da Corte, não tinha nenhuma proximidade com a administração real; além disso, ele era um gastador compulsivo, que negligenciava completamente o negócio (comércio de tecidos) que havia proporcionado a riqueza de sua família.

Todavia, mesmo essa disparidade entre o que acontecia com a burguesia do período e as atitudes de Sr. Jourdain são elucidativas; apesar de ser um indivíduo aparvalhado, ele era rico e essa riqueza atraía todo tipo de aproveitadores, sendo o mais notável deles o conde Dorante. Na epígrafe, vimos a frase “mais vale esse burguês ignorante, como o senhor está vendo, que o grande fidalgo esclarecido que aqui nos trouxe”, dita pelo mestre de música de Sr. Jourdain, e o dito fidalgo esclarecido era Dorante.

Conde Dorante era um dos nobres destituídos pela administração de Luís XIV, e durante toda a peça fica explícito que ele era um indivíduo paupérrimo, que vivia de aparências e de dinheiro que era emprestado de Sr. Jourdain, mas nunca devolvido. Em uma das falas dirigidas ao burguês, o conde diz:

Palavra, Sr. Jourdain, que eu andava morto por vê-lo. O senhor é o homem que mais estimo no mundo, e ainda hoje cedo falei a seu respeito no quarto do Rei (MOLIÈRE, 1983, p. 346).

Dorante mentiu quanto a falar sobre Sr. Jourdain na presença do rei, já que ele não faz mais parte da administração deste; apesar disso, ele se aproveita do espírito da época, a imagem divina do rei, para bajular o burguês. O que vem na sequência explicita as verdadeiras intenções do nobre decadente:

Está correta a soma total: quinze mil e oitocentas libras. Ajunte-lhe ainda duzentas pistolas que vai dar-me agora, e eu lhe ficarei devendo precisamente dezoito mil francos, que pagarei na primeira oportunidade [...] Tenho muita gente que folgaria de emprestar-me; mas como o senhor é meu melhor amigo, cuidarei que o agravaria se fosse pedir a outrem (MOLIÈRE, 1983, p. 350-351).

O conde primeiro seduz o burguês, alegando que havia citado seu nome para o próprio rei e, na sequência, pede mais dinheiro para o homem deslumbrado; a quantia total de empréstimos já totalizava dezoito mil francos, uma verdadeira fortuna, que, ao contrário do que o conde alegava, ninguém em sã consciência lhe emprestaria. Após pegar mais uma vez dinheiro de Sr. Jourdain, o conde Dorante diz:

Asseguro-lhe, Sr. Jourdain, que sou todo seu, e que morro por prestar-lhe algum serviço na corte. [...] Se a Sra. Jourdain quiser assistir ao entreato real, farei que lhe dêem os melhores lugares da sala (MOLIÈRE, 1983, p. 353-354).

O desejo de fazer parte da nobreza e de estar próximo do maior dos nobres, o rei, é onipresente na figura de Sr. Jourdain, e essa sua fraqueza é explorada habilmente por Dorante, que, no decorrer da peça, faz várias promessas vazias para o burguês. Porém, se por um lado as promessas são vazias de verdade, por outro, elas são repletas de sentido: um conde que parasitava as finanças de um burguês com devaneios de nobreza era um fenômeno sintomático do processo histórico que tinha o rei como expoente.

Em Dorante encontramos um paradoxo: ele vive às custas de Sr. Jourdain, que fazia parte de uma classe social em ascensão mas almejava retornar aos luxos e vantagens da sua vida anterior como fidalgo de alta linhagem e pertencente à corte. Para conseguir tal feito,

usava todas as libras que extraía de Sr. Jourdain para cortejar uma marquesa de nome Dorimène, que ainda mantinha a riqueza e prestígio da nobreza.

Além dos empréstimos impagáveis, outro recurso de Dorante para cortejar Dorimène foi dizer para Sr. Jourdain que a dama da nobreza estava interessada nele, dessa forma, o burguês foi sendo enganado na medida em que gastava cada vez mais com presentes, serenatas e jantares, chegando ao ápice de comprar um anel de brilhantes. Em um diálogo, o conde diz para Sr. Jourdain:

O senhor escolheu o melhor processo para tocar-lhe o coração: as mulheres apreciam sobretudo as despesas que por elas se fazem; e as suas freqüentes serenatas, e os contínuos ramalhetes, o soberbo fogo de artifício que ela encontrou no lago, o brilhante que recebeu de sua parte, e o presente que o senhor lhe está preparando, tudo isso fala bem melhor em favor do seu amor do que todas as palavras que pudesse dizer-lhe pessoalmente (MOLIÈRE, 1983, p. 356).

O astuto Dorante trata de continuar conseguindo presentes para a marquesa e, ao mesmo tempo, afastar o tolo Sr. Jourdain da presença dela para que ele não atrapalhe seus planos. Para além do golpe de Dorante, esse diálogo é rico ao retratar os gastos do burguês; nesse caso, foram apenas os feitos com o ato de cortejar Dorimène, mas, no decorrer da peça, podemos acompanhar outros gastos extravagantes, especialmente com empregados e mestres de várias funções. Sobre os gastos da burguesia, Mongrédien (1963, p. 61) escreveu:

À medida que enriquece, o burguês aumenta o número de criadagem e lança mão de pessoal especializado que lhe custa sensivelmente mais caro. Um criado de quarto pede 200 libras por ano, um com cozinheiro 300, um escudeiro 400, um mordomo 500, sem contar com as broas e gratificações. Verdade seja dita que os criados são bem alimentados e bem tratados; muitas vezes lhes fazem os amos, em testamento, doações importantes.

De fato, a casa do Sr. Jourdain, como é representada em *O burguês fidalgo*, é repleta de um número exagerado de empregados que

ocupam todos os espaços e fazem-se onipresentes. Além dos numerosos empregados domésticos, o burguês também possuía mestres em áreas como música, dança, esgrima e filosofia. Assim como o nobre Dorante, a massa de empregados e os mestres também perceberam a importância econômica do burguês e passaram a viver na órbita de sua renda. Esses mestres aparecem na peça muitas vezes defendendo seu ofício e, assim, sua fonte de renda:

O Mestre de música: Nada há tão útil num Estado quanto a música.
 O Mestre de dança: Nada há tão necessário ao homem quanto a dança.
 O Mestre de música: Sem a música, não subsiste o Estado.
 O Mestre de dança: Sem a dança, o homem não sabe fazer nada (MOLIÈRE, 1983, p. 300).

Os mestres de música e dança, frente ao Sr. Jourdain, fazem um verdadeiro malabarismo retórico para defender a utilidade de suas artes e assim continuar tendo acesso a seus aplausos amoedados já citados. A apologia dos mestres não para por aí:

O mestre de música: Ora, se todos os homens aprendessem música, não seria esse o meio de se acordarem eles, estabelecendo no mundo a paz universal?
 O Sr. Jourdain: Tem razão.
 O mestre de dança: Quando um homem comete um erro na vida, seja em negócios da família, seja no governo de um Estado, seja no comando de um Exército, não se diz sempre “Aquele sujeito deu um mau passo em tal negócio”?
 O Sr. Jourdain: Sim, é o que se diz (MOLIÈRE, 1983, p. 300-301).

Podemos analisar esses trechos da seguinte forma: em primeiro lugar, para ilustrar a consciência dos mestres em relação ao arranjo social e onde estava a verdadeira riqueza (lembrando que haviam deixado um amo nobre), bem como para deixar mais evidente a falta de consciência de Sr. Jourdain em relação a si mesmo.

Na sociedade francesa do século XVII, do mordomo, passando pelo conde até chegar ao próprio rei, todos reconheciam o valor do burguês, mas Sr. Jourdain via sua própria classe com desprezo e, portanto, queria

ser um nobre. George Lukács nos oferece uma possível explicação para essa falta de consciência:

Mesmo no caso de o estamento já estar completamente desagregado economicamente, e seus membros passarem a pertencer a classes já economicamente diferentes, apesar disso guarda este vínculo ideológico (obviamente ideal). Isso porque a relação que a “consciência estamentária” desenvolve com a totalidade se dirige a outra totalidade que não a unidade econômica real e viva (LUKÁCS, 2003, p. 154).

Sendo assim, Sr. Jourdain, apesar de no século XVII a nobreza já ter sido muito enfraquecida, ainda nutria admiração por essa classe que ignorava a realidade econômica: a todo instante ele se colocava a imitar os hábitos das pessoas nobres, e sua busca incessante acabou fazendo com que sua imagem ficasse cada vez mais ridícula, devido à sua ignorância. O burguês, em um diálogo com sua esposa, deixa explícito seu pensamento em relação às classes sociais:

A Sra. Jourdain: Está doido varrido o senhor meu marido, com todas as suas fantasias, e isso lhe deu depois de freqüentar a nobreza.

O Sr. Jourdain: Quando freqüento a nobreza, faço praça do meu discernimento, o que é mais bonito do que freqüentar a sua burguesia.

A Sra. Jourdain: Com efeito! Há de lucrar muito o senhor, freqüentando os seus nobres, e saiu-se muito bem com esse belo Sr. Conde pelo qual se enrabichou.

O Sr. Jourdain: Silêncio! Pense no que está dizendo. Fique sabendo, senhora minha mulher, que não sabe de quem está falando, quando fala nele. É uma pessoa muito mais importante do que a senhora supõe, um fidalgo conceituado na corte, que fala com o Rei como eu lhe falo. Não é para mim extremamente honroso ver-se entrar tão amiúde em minha casa uma pessoa de tanto trato, que me chama seu querido amigo, e me trata como a um igual? Presta-me favores que ninguém seria capaz de imaginar; e, diante de toda a gente, dá-me provas de afeto que até a mim me confundem.

A Sra. Jourdain: Sim, ele presta-lhe favores e dá-lhe provas de afeto; mas toma-lhe o dinheiro emprestado (MOLIÈRE, 1983, p. 342-343).

Sr. Jourdain, discutindo com sua mulher, desdenha da burguesia e passa a falar sobre toda a honra que sente por ser amigo de Dorante, por

este ser nobre e supostamente fazer parte dos círculos da realeza. Sua esposa enxerga claramente a situação e sabe que Dorante está se relacionando com o burguês para se aproveitar de sua riqueza por meio dos empréstimos sem retorno.

Esse diálogo só confirma a falta de consciência de Sr. Jourdain com o vínculo econômico e sua total ignorância quanto ao papel político de sua classe ascendente. Em outro diálogo, Sr. Jourdain discute com sua mulher e uma de suas empregadas, pois quer a todo custo casar sua filha com um homem nobre:

A Sra. Jourdain: Sua filha precisa de um marido que lhe convenha, e mais vale para ela um homem honrado, rico e bem apessoado, que um fidalgo pronto e manquitola.
 Nicole: Isso é verdade. O filho do fidalgo da nossa aldeia é o sujeito mais desengonçado e mais parvo que já vi.
 O Sr. Jourdain: Cale-se, impertinente. Você está sempre metida na conversação. Tenho dinheiro que farta para minha família; só preciso de distinção, e quero fazê-la marquesa (MOLIÈRE, 1983, p. 376).

A esposa e a empregada de Sr. Jourdain sabem a importância da riqueza no tempo em que vivem, mas também sabem que ser nobre não significa necessariamente ser rico e de alto status. Apesar de todos os avisos, o burguês mais uma vez negligencia o poder de sua riqueza e insiste nos devaneios de nobreza e distinção que agora quer para sua filha. Ser um fidalgo, para Sr. Jourdain, era algo com uma carga simbólica extraordinária; em um diálogo com Cléonte, um jovem pretendente de sua filha, o burguês pergunta se ele é fidalgo e o rapaz responde:

Senhor, a maioria das pessoas pouco hesita a esse respeito. Responde categoricamente. Ninguém sente escrúpulos em apropriar-se do título, e o uso que dele hoje se faz parece autorizar-lhe o furto. No que me concerne, confesso que tenho sentimentos um pouco mais delicados sobre o assunto: sou de parecer que toda e qualquer impostura é digna de um homem honrado, e que há covardia em querermos mascarar a origem que o próprio Céu nos impôs, em paramentarmo-nos aos olhos da sociedade com um título expropriado, em querermos passar pelo que não somos. Meus pais, sem dúvida,

desempenharam cargos honrosos. Conquistei no exército a honra de seis anos de serviços, e possuo o suficiente para ocupar na sociedade um lugar bastante aceitável. A despeito, porém, de tudo isso, não posso usar um título que outros, em meu lugar, se julgariam com o direito de pretender, e francamente lhe direi que não sou fidalgo (MOLIÈRE, 1983, p. 375).

A resposta ácida de Cleónte a Sr. Jourdain é uma crítica certa à nobreza, que muitas vezes praticava desvios de conduta e acabava se safando por causa de seus títulos. Um desses casos, que já vimos, é o de conde Dorante, que usava e abusava de seu status para se aproveitar da riqueza e da ingenuidade do burguês iludido. Cleónte fala com orgulho dos cargos de seus pais e do seu tempo no serviço militar; ele é um contraste em relação ao Sr. Jourdain: enquanto para um o trabalho e a vida fora da fidalguia é algo desprezível, para o outro, os títulos são vazios e o valor real das coisas estava no trabalho e na sinceridade.

O desejo de Sr. Jourdain de ser fidalgo, ou pelo menos de ser respeitado como tal, ofuscou sua visão para uma forma mais fácil de chegar ao rei e ao seu círculo social: a própria importância, já mencionada, da burguesia francesa no século XVII. Uma possibilidade seria atentar-se à Revolução Comercial em vigor e aplicar seu dinheiro ali para ascender socialmente e ser percebido pelo poder real, ao invés de gastar fortunas tentando enobrecer-se. Porém, essas questões em torno da figura do burguês e sua falta de identidade serão tratadas no capítulo seguinte.

O objetivo principal do presente capítulo foi apresentar as características políticas e econômicas do período que a obra representa. Vimos, portanto, o processo de centralização do poder monárquico, que ficou conhecido como absolutismo, e seu impacto na sociedade da época, em se tratando da burguesia ascendente e da nobreza que havia perdido muito poder.

As análises feitas até aqui levaram em conta o conceito de paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg, que diz “quando as causas não são reprodutíveis, só bastas aferi-las a partir dos efeitos.” (GINZBURG, 1989, p. 169). A partir de informações na peça, como os

gastos de Sr. Jourdain com empregados, com mestres e com Dorante, e de suas intenções ao fazê-los, foi possível rastrear e identificar peculiaridades sobre o cotidiano no século XVII na França.

2 OS DEVANEIOS DE SR. JOURDAIN: A BUSCA PELO ENOBRECIMENTO

Não obstante, um surpreendente consenso de ideias gerais entre um grupo social bastante coerente deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a “burguesia”; suas ideias eram do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos “filósofos” e “economistas” e difundidas pela maçonaria e associações informais (HOBSBAWM, 2015, p. 90).

A epígrafe do presente capítulo é uma colocação de Eric Hobsbawm acerca do protagonismo da burguesia do século XVIII, essencial para que a Revolução Francesa acontecesse. A burguesia do período compreendeu seu papel social e passou das formulações teóricas para a ação revolucionária, derrubando a aristocracia.

Em *O burguês fidalgo*, Molière representa a burguesia do século XVII de forma completamente diferente da análise de Hobsbawm. Como já vimos, Sr. Jourdain não atribui valor algum à sua classe e, além de tentar esquecer que é burguês, ainda quer, de alguma forma, enobrecer. Apesar de o burguês da peça ser uma caricatura exagerada, a burguesia do período realmente queria desvincular-se de qualquer vínculo com as classes populares e distinguir-se destas. Essa ânsia de separar-se da massa era um sentimento compartilhado pela burguesia e pela nobreza, como colocou Burke (1995, p. 206):

Em 1500, a cultura popular era uma cultura de todos: uma segunda cultura para os instruídos e a única cultura para todos os outros. Em 1800, porém, na maior parte da Europa, o clero, a nobreza, os comerciantes, os profissionais liberais — e suas mulheres — haviam abandonado a cultura popular às classes baixas, das quais agora estavam mais do que nunca separados por profundas diferenças de concepção do mundo. Um sintoma dessa retirada é a modificação do sentido da palavra “povo”, usada com menor frequência do que antes para designar “todo mundo” ou “gente respeitável”, e com maior frequência para designar “a gente simples”.

Outrora poderosa e fonte de rebeldia contra as estruturas oficiais, a cultura popular gradativamente foi afastada dos espaços sociais da elite. Com o conde Dorante percebemos que, ao emprestar dinheiro do tolo burguês, ele conseguia manter seu prestígio e evitava decair para as classes subalternas, que era seu grande temor. Todavia, a riqueza não bastava para se distinguir do populacho, então, os nobres criaram uma série de práticas cotidianas para tal fim:

O nobre aprendeu a falar e a escrever "corretamente", segundo regras formais, e a evitar os termos técnicos e o dialeto usado pelos artesãos e camponeses. Essas modificações tinham sua função social. À medida que declinou seu papel militar, a nobreza precisava encontrar outras maneiras de justificar seus privilégios; precisava mostrar que era diferente dos outros. As maneiras polidas da nobreza eram imitadas pelos funcionários públicos, advogados e comerciantes, que queriam passar por nobres (BURKE, 1995, p. 206).

Na peça, percebemos esses processos de forma clara: Sr. Jourdain sabe que ser rico não é o suficiente para ser um nobre, então, com seus vários mestres ele tenta aprender os costumes deles a fim de emulá-los. Na casa de Sr. Jourdain é muito evidente a distância que o burguês mantém com as demais classes:

O Sr. Jourdain: Lacaios! Meus dois lacaios!
O primeiro laiaio: Que deseja o meu senhor?
O Sr. Jourdain: Nada. Eu só queria saber se me escutam direito (MOLIÈRE, 1983, p. 296).

O burguês está sempre a dar ordens desnecessárias, apenas para demonstrar seu poder e deixar explícito que ele era de um grau diferente daqueles que lhe serviam; em outra passagem, por exemplo, ele faz seus lacaios tirar e colocar seu roupão várias vezes seguidas.

Molière, ao ridicularizar o burguês que queria ser nobre, acabou também empreendendo uma crítica contra a nobreza e a sua vida de aparências. Como Burke bem colocou, os modismos da nobreza eram alvos de imitação, o que podemos perceber em um diálogo entre Sr. Jourdain e seu mestre alfaiate:

O Sr. Jourdain: Que é isso? O senhor pôs as flores de cabeça para baixo?

O Mestre Alfaiate: Vossa Excelência não me disse que as queria de cabeça para cima.

O Sr. Jourdain: É preciso dizê-lo?

O Mestre Alfaiate: Naturalmente. Todas as pessoas de trato usam-nas assim.

O Sr. Jourdain: As pessoas de trato usam as flores de cabeça para baixo?

O Mestre Alfaiate: Sim, senhor.

O Sr. Jourdain: Oh! Então está muito bem (MOLIÈRE, 1983, p. 328).

Mais uma vez, entre outras tantas, Sr. Jourdain é enganado na peça; o alfaiate, para encobrir um erro seu, diz que as pessoas de trato, os nobres, também usavam roupas com as estampas de flores de ponta cabeça. O burguês rapidamente se empolga com aquilo, pois quer se vestir e consumir as mesmas coisas que as pessoas de trato. Se por um lado esse é um recurso cômico para salientar a ignorância de Sr. Jourdain, por outro, serve para identificar o fenômeno social de imitação dos nobres, de seus códigos e atitudes no geral.

Sendo assim, os nobres inventavam tradições para ficar em evidência em relação ao povo, e, por sua vez, burgueses como Sr. Jourdain seguiam-nas. Sobre a invenção de tradições, Hobsbawm (1997, p. 09) diz:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Na sociedade francesa do século XVII, satirizada por Molière, a “tradição inventada” pela nobreza mantinha um vínculo de continuidade com o passado de glória; mesmo incapazes de arrecadar impostos ou destituídos de seu poder militar, eles sinalizavam para todos que eram superiores aos demais homens e que nem mesmo a riqueza poderia se sobrepor a essa superioridade. Em *O burguês fidalgo* percebemos que a

tradição inventada já estava bem enraizada, apesar de muitos nobres estarem desacreditados.

Uma parte fundamental desse processo de invenção de tradição era a educação, o divisor de águas que separava a gente simples dos nobres, mas que agora estava sendo perseguida também pelos burgueses. Nunes (1981, p. 17) explica a relevância da educação para a elite francesa no século XVII:

[...] Para os burgueses, o valor social e cultural da educação era insubstituível, e foi esse preparo intelectual que permitiu ao Rei Luís XIV contar com ministros e servidores fiéis e competentes à frente de negócios do Estado e nos postos mais salientes da administração pública.

Já vimos no primeiro capítulo que o poder econômico crescente dos burgueses foi um fator que fez com que o rei os atraísse para o Estado, e agora, Nunes nos apresenta a importância da educação que estava tornando esses sujeitos aptos para exercer suas funções administrativas.

Porém, esse não é o caso de Sr. Jourdain: em seu processo educacional com seus mestres, todo o seu objetivo concentra-se em portar-se como os nobres e compartilhar do mesmo espaço que eles. Em uma passagem da peça, o burguês diz para seu mestre de filosofia:

O Sr. Jourdain: Por favor. De resto, preciso fazer-lhe uma confidência. Estou apaixonado por uma pessoa de alta estirpe e desejaria que o senhor me ajudasse a escrever-lhe alguma coisa em um bilhetinho que pretendo deixar cair a seus pés (MOLIÈRE, 1983, p. 323).

A tal pessoa de alta estirpe, como já sabemos, era a marquesa Dorimène, com a qual Sr. Jourdain queria casar-se para adquirir o título de nobreza tão cobiçado. Em seu esforço para “enobrecer” seus modos, Sr. Jourdain passa por muitas situações constrangedoras e é regularmente enganado por aqueles que são encarregados de sua educação. Ainda no diálogo com o mestre de filosofia, este lhe pergunta:

O mestre de filosofia: Não tem Vossa Excelência alguns princípios, alguns rudimentos de ciências?

O Sr. Jourdain: Oh! Tenho: sei ler e escrever (MOLIÈRE, 1983, p. 318).

Na sequência, o mesmo mestre tenta explicar para o burguês do que se tratava a física:

O mestre de filosofia: A física explica os princípios das coisas naturais e as propriedades dos corpos; discorre sobre a natureza dos elementos, dos metais, dos minerais, das pedras, das plantas, dos animais, e nos ensina as causas de todos os meteoros, o arco-íris, os fogos-fátuos, os cometas, os relâmpagos, o trovão, o raio, a chuva, a neve, a geada, os ventos e os turbilhões.

O Sr. Jourdain: Há muita algazarra nesse negócio, muita barulheira.

O Mestre de filosofia: Que quer que eu lhe ensine?

O Sr. Jourdain: Ensina-me ortografia (MOLIÈRE, 1983, p. 319-320).

Percebemos um descompasso entre as capacidades do mestre de filosofia e a mentalidade de Sr. Jourdain: o que era, a princípio, para ser uma aula sobre lógica, ética e a citada física, acaba tornando-se uma lição de ortografia básica para que o burguês possa confeccionar seu bilhete para a pretendida marquesa. O processo educacional de Sr. Jourdain é desastroso e seu efeito pode ser visto quando Dorimène vai à sua casa pela primeira vez:

O Sr. Jourdain: Minha senhora, é uma glória imensa para mim ver-me tão ditoso por ser tão feliz de ter tido a felicidade de que Vossa Excelência teve a bondade de conceder-me a graça de me fazer a honra de honrar-me com o favor de sua presença; e tivesse eu também o mérito de merecer um mérito como o seu, e o Céu... invejoso da minha sorte... me concedesse... o privilégio de me ver digno... dos...

Dorante: Isso é o bastante, Sr. Jourdain: a Sra. Marquesa não aprecia os grandes cumprimentos, e sabe que o senhor é um homem de espírito (Baixo, à Dorimène) É um bom burguês, profundamente ridículo, como vê, em todos os seus gestos.

Dorimène: Não é difícil percebê-lo (MOLIÈRE, 1983, p. 383).

Sr. Jourdain aborda a marquesa fazendo reverências extravagantes, ensinadas por seu mestre de dança, e inicia um grande cumprimento repleto de firulas e bajulação. O resultado foi Dorante dizer em voz baixa para Dorimène o quanto seu amigo burguês era ridículo e a dama concordar. Fica explícito, ao longo da peça, que o grande corpo de mestres de Sr. Jourdain não conseguia ensiná-lo nada direito, como em uma passagem em que apesar de ter aulas de esgrima, o burguês perde em um combate para sua criada, que mal conseguia segurar o sabre.

Em se tratando da educação, é espantoso o quanto o burguês não enxergava seu potencial, já mostrado por Ruy Afonso da Costa Nunes, e usava-a de forma grotesca para adular nobres. Esse fenômeno não escapou aos olhos de Nunes, e o autor chega a usar *O burguês fidalgo* de Molière como exemplo:

Havia, contudo, certos burgueses que não puderam gozar na juventude das vantagens da boa educação num colégio, e que, desejosos de imitar o estilo de vida aristocrática antes mesmo de comprarem um título de nobreza, procuravam a todo custo instruir-se e adquirir maneiras distintas. Tal caso é tratado por Molière em sua comédia *O Burguês Fidalgo*, na qual ele ridiculariza o ingênuo e papalvo senhor Jordão, que pagava a um bom preço por aulas dos mestres de dança, de música, de esgrima e de filosofia (NUNES, 1981, p. 17).

Em um diálogo com seu mestre de filosofia, Sr. Jourdain se queixa de seu pai, que não lhe deu estudos quando jovem, então, para superar esse atraso, agora ele paga rios de dinheiro para mestres, na tentativa de tornar-se um fidalgo. Sr. Jourdain era uma paródia de nobre desde as vestimentas, zombadas pela criada, até seu linguajar, que misturava palavras rebuscadas com dizeres grosseiros e toscos, fazendo dele uma figura patética.

Um questionamento interessante, que não aparece na peça mas vale a pena especular, é: se o burguês gastava tanto para parecer um nobre, qual a razão de não usar esse mesmo dinheiro para adquirir um título de nobreza? Molière não expõe esse questionamento, mas, talvez, fosse apenas mais um recurso para evidenciar a ignorância do burguês, ou que a nobreza era muito mais que um título.

Em um diálogo com sua esposa, temos mais uma prova da visão que a sociedade tinha do burguês:

A Sra. Jourdain: Ah! Ah! Temos novidade. Que significa, senhor meu marido, todos esses trajes? Pretende, acaso, achincalhar o mundo deixando-se arrear dessa maneira? E quer, porventura, que em toda parte façam troça de si?

O Sr. Jourdain: Só os tolos, e as tolas, senhora minha esposa, farão troça de mim.

A Sra. Jourdain: Na realidade, ninguém esperou até agora, e já faz muito tempo que os seus modos provocam o riso de toda gente.

O Sr. Jourdain: E quem é toda gente, faz-me o obséquio de dizer?

A Sra. Jourdain: Toda gente é uma gente que tem juízo, e é mais sensata do que o senhor. Quanto a mim, estou escandalizada pela vida que o vejo levar. Já nem sei o que virou nossa casa: até parece que aqui dentro é carnaval o ano inteiro; e, desde manhã cedo, todo santo dia, ouve-se uma algazarra de cantores e violinos, que já anda incomodando a vizinhança (MOLIÈRE, 1983, p. 336-337).

Sra. Jourdain critica seu marido por suas roupas espalhafatosas e tenta fazê-lo voltar a si, falando que por toda parte toda gente ri dele e de seus modos; somada à sua aparência, sua própria casa é descrita por sua esposa como um carnaval. Associando todas as informações que temos até agora sobre o Sr. Jourdain, é possível concluir que ele estava tentando constituir, mesmo que de forma muito desajeitada e até anacrônica, uma identidade para si.

A constituição de identidades culturais não é um processo neutro, mas depende das experiências que o indivíduo teve, como Thompson (1981, p. 182) coloca:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: “experiência humana”. [...] Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro destes termos – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...].

Nesse sentido, as experiências vividas por Sr. Jourdain justificariam, de certa forma, suas atitudes mirabolantes: seu pai

trabalhava como mercador, mas Sr. Jourdain não tinha vínculo algum com o trabalho, que enriqueceu devido à herança; o burguês via a glória “encenada” pelos nobres, e o nobre dos nobres, o rei, no auge de seu poder, portanto ficou desejoso de tornar-se um. A falta de nexos dele com a formação da riqueza e a importância política de sua classe fizeram-no cair nos devaneios de nobreza e em todas as tolices que se seguiram.

Cabe aqui levar em conta que a experiência, e o que se fazia a partir dela, não era algo exclusivo do Sr. Jourdain: o conde Dorante teve seu poder aristocrático e sua riqueza dizimados pelo absolutismo, mas no processo também foi capaz de notar a importância da burguesia e virou um parasita de Sr. Jourdain, para dele extrair seu sustento e angariar fundos para se casar com uma dama da nobreza que ainda tinha prestígio.

Apesar de Sr. Jourdain ser uma personagem de comédia, sua ignorância e o jeito como é ludibriado durante toda a história têm elementos de tragédia, como se o burguês servisse exclusivamente para isso e não tivesse mais nenhuma função além dessa.

No fim de *O burguês fidalgo*, Sr. Jourdain acaba dando a mão de sua filha em casamento a Cleonte, convencido de que ele era filho do Grão-Turco. Em meio à enganação promovida por Cleonte, Sr. Jourdain recebe um título de nobreza fajuto, dado por uma companhia de circo que fingia ser da corte do rei dos turcos. Cândido (1972, p. 64), sobre o teatro, escreveu:

A personagem teatral, portanto, para dirigir-se ao público, dispensa a mediação do narrador. A história não nos é contada, mas mostrada como se fosse de fato a própria realidade. Essa é, de resto, a vantagem específica do teatro, tornando-o particularmente persuasivo às pessoas sem imaginação suficiente para transformar, idealmente, a narração em ação: frente ao palco, em confronto direto com a personagem, elas são por assim dizer obrigadas a acreditar nesse tipo de ficção que lhes entra pelos olhos e pelos ouvidos. Sabem disso os pedagogos, que tanta importância atribuem ao teatro infantil, como o sabiam igualmente os nossos jesuítas, ao lançar mão do palco para a catequese do gentio.

A maestria de Molière ao aproveitar essa vantagem do teatro colocada por Cândido foi impressionante, já que conseguiu transmitir, de forma rica, as especificidades da sociedade francesa do século XVII. A partir dos dados apresentados pelo dramaturgo, foi possível intersecá-los com os conceitos e a historiografia para chegar a um grande panorama sobre a elite social da época e suas atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho buscamos compreender como Molière representou a burguesia e a nobreza em sua obra *O burguês fidalgo*. Para cumprir o dito objetivo, no primeiro capítulo estabelecemos um vínculo entre os gastos de Sr. Jourdain e o contexto social da França do século XVII; já no segundo capítulo, usando os devaneios de nobreza do burguês, abordamos de forma mais aprofundada a elite do período e suas características.

Como já vimos, a fortuna exorbitante de Sr. Jourdain foi herdada de seu pai, que era mercador, e essa informação é interessante para notar o aumento da importância e o poder econômico dos comerciantes em relação aos nobres que viviam de renda. Em relação a essa expansão da burguesia, vimos também a atitude do rei em relação a ela: no processo absolutista de concentração de poder, muitos burgueses foram absorvidos pela administração real.

Porém, se por um lado a burguesia era uma classe em ascensão, por outro, uma parcela da nobreza estava em decadência, já que não tinha mais o poder militar ou tributário do feudalismo. Em *O burguês fidalgo*, analisamos o caso de conde Dorante, que, devido a essas metamorfoses socioeconômicas, agora vivia de empréstimos feitos por Sr. Jourdain, o burguês.

Apesar de no primeiro capítulo o próprio Sr. Jourdain e toda a articulação de personagens ao seu redor revelarem o contexto político e econômico, o burguês da peça não tinha essa consciência: seduzido pelos modos, pela pompa e aparente glória dos nobres, Sr. Jourdain também queria ser um nobre; assim, o “ser nobre” foi o objetivo de estudo do segundo capítulo, o que acabou revelando mais peculiaridades sobre a nobreza e a própria burguesia.

Com o crescimento da riqueza da burguesia, para um nobre, ser rico não era mais o suficiente como forma de distinção social: eram necessárias novas tradições, as quais eram adquiridas e trabalhadas pela educação do período.

É importante ressaltar, aqui, que a educação era paradoxal: servia para dar uma carga cultural aos nobres, que os fizesse “diferentes”, mas também servia para capacitar filhos da burguesia para cargos dentro da burocracia do Estado. Sr. Jourdain representava uma terceira situação: ele se utilizava da educação, por meio de seus mestres, para se parecer, em seus modos e aparência, com um nobre.

Sendo assim, uma personagem atípica, como o Sr. Jourdain, acabou revelando-se um portal para conhecermos a sociedade francesa do século XVII, principalmente em se tratando de suas elites. Por trás de toda ignorância e inocência da personagem principal da peça, Molière apresentou uma crítica visceral a dois estratos da sociedade em especial: a nobreza parasitária, representada por Dorante, e a burguesia bajuladora de nobres, representada pelo próprio Sr. Jourdain. A deterioração da nobreza e a riqueza dos burgueses, ilustradas pelo dramaturgo, representavam o aflorar de novos tempos, que culminariam em rupturas políticas no século seguinte; apesar disso, no momento, os dois grupos sociais estavam sob a sombra do absolutismo.

FONTE

MOLIÈRE. **O tartufo; Escola de mulheres; O burguês fidalgo.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Linhagens do estado absolutista.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRAUDEL, Fernando. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII.** Estruturas do cotidiano. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BRAUDEL, Fernando. **A dinâmica do capitalismo.** Rio de Janeiro. Rocco, 1987.

BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna: Europa, 1500 – 1800.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção de tradições.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRIMBERG, Carl. **No século de Luís XIV.** São Paulo: Azul, 1989.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MONGRÉDIEN, Georges. **A vida quotidiana no tempo de Luís XIV.** Lisboa: Livros do Brasil, 1963.

NUNES, Ruy. **História da educação no século XVII.** São Paulo: EDUSP, 1981.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.